

## Os eventos de letramento nas práticas de professores do ensino médio

### Resumo

Partindo do princípio que é no ensino médio que os professores realizam práticas com o intuito de os alunos desenvolverem um maior e mais consolidado nível de letramento, discute-se, no presente artigo, os elementos (participantes, atividades, ambientes e artefatos) dos eventos de letramento presentes nas práticas de professores de diferentes disciplinas do ensino médio em uma escola particular de um município do médio vale do Itajaí - SC. Relacionado a uma pesquisa de Mestrado em Educação em andamento, o artigo traz resultados parciais dessa pesquisa que se caracteriza por ser de cunho qualitativo. Os dados foram gerados por meio de entrevistas com cinco professores de diferentes disciplinas. O viés teórico que orienta este estudo é dos Estudos do Letramento. Diante dessa perspectiva, identifica-se, através das falas dos professores, que, nos eventos de letramento proporcionados em suas disciplinas, destacam-se professor e alunos como os participantes privilegiados, a sala de aula como ambiente principal, a síntese como o artefato central utilizado pelos professores e atividades de leitura e escrita que buscam a informação e preparação para a prova.

**Palavras-chave:** Letramentos. Ensino Médio. Leitura e escrita.

**Suy Mey Schumacher Moresco**  
suymey\_11@hotmail.com

## 1 Introdução

Vivemos em um mundo que nos traz muitas informações e a maioria delas se apresenta de forma escrita. São notícias nos jornais, revistas e na internet, histórias nos livros, placas nas ruas, propagandas em outdoors, por exemplo.

Diante disso, ter o domínio da linguagem verbal é muito importante, mas não somente o domínio gramatical, e sim o domínio dessa linguagem para poder nos relacionar com diferentes pessoas, de diferentes culturas e que ocupam diferentes posições na sociedade, e também para podermos nos informar ou informar alguém, obter lazer, para nos lembrarmos de algo, para ficarmos atualizados. Assim, poder ler e escrever de forma a garantir a nossa inserção e participação no mundo social.

A leitura e a escrita são competências básicas exigidas de um aluno na escola e o trabalho com essas competências o acompanha durante toda sua vida escolar. Mas, mesmo trabalhando com a leitura e a escrita todo o tempo que o estudante permanecer na escola, essas competências são apresentadas e cobradas de formas diferentes de acordo com o nível escolar em que ele se encontra. Então, ao chegar ao ensino médio, entendemos que já tenha noções de variados gêneros escritos e que consiga apresentar um bom domínio de leitura, sendo capaz de realizar interpretações de diferentes textos e fazer relações ou utilizar o que aprende na escola com o que vive em seu dia a dia.

Entretanto, isso não acontece sempre da forma que esperamos ou planejamos, pois nem todos os estudantes apresentam o domínio pleno da leitura e da escrita. De acordo com Soares (2003), 42% dos estudantes que completam o ensino médio não possuem um nível mínimo de letramento proposto para a educação básica. Ainda, é bastante comum que os alunos de ensino médio não percebam relação ou sentido entre o que vivem em seu dia a dia e o que é feito na escola.

Então entra o questionamento se a escola procurou desenvolver com os alunos múltiplos letramentos, entendido, neste artigo, como “o conjunto de práticas sociais nas quais a escrita tem um papel relevante no processo de interpretação e compreensão dos textos orais ou escritos circulantes na vida social.” (KLEIMAN, 2010, p.377).

Pesquisas focando os letramentos de alunos já foram realizadas, porém a maioria delas se volta para o período de alfabetização ou anos iniciais do ensino fundamental. Pouco se tem explorado essa temática no ensino médio e, quando feita, é mais limitada à leitura ou à escrita ou, ainda, à disciplina de Língua Portuguesa. No entanto, podemos destacar as pesquisas de Coelho (2009), que estuda as relações entre as práticas de leitura e escrita na escola e no ambiente social de alunos do 3º ano do ensino médio, e de Amaral (2010), que investiga o papel do professor do ensino médio na formação de alunos leitores e escritores e como eles avaliam essas competências em seus alunos.

Assim, relacionado a uma pesquisa de Mestrado em Educação em andamento cujo objetivo geral é compreender as práticas de leitura e escrita que estão presentes nas aulas de diferentes disciplinas do ensino médio, este artigo, pautado nos estudos do letramento, apresenta dados parciais da pesquisa que possui como sujeitos cinco professores de ensino médio de uma escola particular de um município do médio vale do Itajaí - SC. Nosso objetivo, neste artigo, é discutir as práticas realizadas por esses professores em relação ao desenvolvimento dos letramentos dos alunos, com enfoque nos elementos visíveis<sup>1</sup> dos eventos de letramento nas disciplinas.

Iniciamos este trabalho com uma discussão teórica sobre letramento e letramento escolar seguida da metodologia utilizada para a geração de dados. Na continuação, fazemos a discussão dos dados e finalizamos com algumas considerações.

## 2 Letramento e letramento escolar

Ao se falar em letramento, temos em mente o uso de textos, qualquer texto, em práticas sociais. Isso significa dizer que, quando realizamos uma prática social, como o uso de um mapa para nos localizarmos ou para chegar a determinado local, seguir uma receita para fazer um bolo, usar uma imagem para divulgar uma mensagem, estamos realizando letramento, pois nos apoiamos nesses textos para realizar uma ação social. Além disso, práticas que envolvem letramentos fazem sentido para a vida das pessoas,

---

<sup>1</sup> Participantes, ambientes, artefatos e atividades (OLIVEIRA, 2008). Esses elementos serão explicados na próxima seção.

não têm como objetivo somente treinar uma habilidade, e sim implicam várias habilidades como:

capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos — para informar ou informar-se, para interagir com outros, para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar-se, para apoio à memória, para catarse...; habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de textos; habilidades de orientar-se pelos protocolos de leitura que marcam o texto ou de lançar mão desses protocolos, ao escrever; atitudes de inserção efetiva no mundo da escrita, tendo interesse e prazer em ler e escrever, sabendo utilizar a escrita para encontrar ou fornecer informações e conhecimentos, escrevendo ou lendo de forma diferenciada, segundo as circunstâncias, os objetivos, o interlocutor... (SOARES, 2003, p.91 e 92).

Apoiados na definição de Soares, acima, sobre letramentos, compreendemos a importância de se trabalhar nessa perspectiva na escola, uma vez que proporcionará ao aluno a possibilidade de interagir com competência em seu mundo social e de produzir sentido em diferentes situações sociais em distintos locais como a escola, a família, o emprego, a roda de amigos.

Soares (2003, p. 95) também alerta para o fato de que o letramento é um

contínuo não-linear, multidimensional, ilimitado, englobando múltiplas práticas com múltiplas funções, com múltiplos objetivos, condicionadas por e dependentes de múltiplas situações e múltiplos contextos, em que, conseqüentemente, são múltiplas e muito variadas as habilidades, conhecimentos, atitudes de leitura e de escrita demandadas.

Sendo assim, não é possível medir o letramento e também não há um ponto final, não dá para dizer que a pessoa já desenvolveu tudo o que diz respeito a letramento uma vez que a cultura sempre está em transformação. Como Soares (2003, p. 95) afirma, letramento “é sempre e permanentemente um ‘processo’”.

Uma vez que letramentos são práticas sociais, podemos desenvolvê-los em diferentes espaços, como na família, na comunidade, no trabalho e também na escola. E, sendo a escola uma agência de letramento voltada para aprendizagens, formação educacional e preparação para a vida social e profissional, destacamos como significativa

que esse local trabalhe a leitura e a escrita de modo a ampliar as noções de mundo e de produzir sentido, baseado na ideia dos letramentos.

Ao trabalhar na perspectiva dos letramentos, desenvolvemos práticas de letramento que estão situadas em eventos de letramento (OLIVEIRA, 2008). Os eventos de letramento são, de acordo com Barton e Hamilton (2000), situações visíveis, observáveis, em que o texto escrito é fundamental para que haja sentido e, como afirma Kleiman (1995), nos eventos de letramento, o texto faz parte das interações entre os participantes da situação e também dos processos de interpretação, em outras palavras, é a partir de um texto que a situação entre os participantes se desenvolve, é também a partir de um texto que os participantes vão desenvolvendo suas interpretações. Barton e Hamilton (2000, p. 8, tradução nossa) ainda acrescentam que eventos de letramento são de natureza situacional, “sempre existe em um contexto social”.

As práticas de letramento contemplam um conceito mais amplo, pois abrangem uma natureza social e cultural (STREET, 2003). Pode-se dizer que os eventos de letramento estão comportados dentro das práticas. Estas são situações não visíveis, situações culturais que envolvem valores, crenças, sentidos, podendo, por isso, serem variáveis de acordo com o contexto, a cultura e os participantes envolvidos. Barton e Hamilton (2000, p. 7, tradução nossa) afirmam que “as práticas de letramento são as formas culturais generalizadas de uso da língua escrita, nas quais as pessoas baseiam suas vidas. No sentido mais simples, as práticas de letramento são o que as pessoas fazem com o letramento.” Podemos dizer que é a interpretação de cada participante, o sentido que cada um deles dá à situação que se desenvolve.

Eventos e práticas de letramento não estão separados, eles possuem amplitudes diferentes e se complementam. Os eventos nos dão uma descrição da situação enquanto que as práticas, os sentidos e significados dos eventos. Entretanto, Barton e Hamilton (2000) nos informam que muitos eventos de letramento são situações regulares, repetidas em nossas vidas, ligadas às instituições sociais que frequentamos, como o local de trabalho, a família e a escola. Devido a isso, o estudo dos eventos de letramento pode ser considerado, de acordo com os autores, um início para se pesquisar o letramento. Ainda, Soares (2003, p. 105) descreve que analisar os eventos de letramento orienta o

pesquisador para “a observação de situações que envolvem a língua escrita e para a identificação das características dessas situações”.

Dentro dos eventos de letramento, como situações visíveis, é possível identificar elementos, que o compõem: participantes, ambientes, artefatos e atividades. (OLIVEIRA, 2008).

Os participantes são as pessoas que estão presentes na construção e atuação dos eventos, podem ser vistas interagindo com os textos escritos. Os ambientes são os locais onde se dá a interação entre os participantes. Como artefatos têm-se os materiais, os acessórios utilizados nos eventos, os quais podem ser imagens, símbolos, textos, objetos. As atividades referem-se às ações que os participantes realizam no evento de letramento.

Como já dito anteriormente, a escola é também um local de letramento. Entretanto, por algumas características exclusivas desse local, das práticas que aí ocorrem, podemos destacar que, na escola, acontece o letramento escolar, entendido como “um conjunto de práticas socioculturais, histórica e socialmente variáveis, que possui uma forte relação com os processos de aprendizagem formal da leitura e da escrita, transmissão de conhecimentos e (re)apropriação de discursos.” (BUNZEN, 2010, p. 2).

Em virtude de a escrita ter uma grande importância em nossa sociedade, a escola é vista como o local ideal e, muitas vezes, único para a sua aprendizagem, principalmente da língua formal. É na escola que aprendemos a ler, é na escola que aprendemos a escrever, porém a escola nos transmite e também controla os “saberes sobre a língua e determinados modos de ler, escrever, falar e ouvir.” (BUNZEN, 2010. p.8). Então, a escola está muito preocupada com o desenvolvimento formal das habilidades de ler e escrever, nem sempre tomando o cuidado de inserir essas habilidades em práticas sociais.

A escola como um ambiente particular, com suas rotinas, seus horários, seu modo de conduta e interação, até mesmo com sua linguagem específica, faz com que as práticas que nela acontecem sejam bastante características desse local e, em muitos casos, distantes da vida social em que os estudantes estão inseridos. Esse pode ser,

segundo Soares (2003), um dos motivos para que os alunos apresentem um mau rendimento no que diz respeito aos letramentos.

Na escola circulam gêneros particulares desse espaço como a prova, o ditado, mas também é possível encontrar gêneros de outras esferas, como o bilhete, piadas, músicas, filmes, notícias. Entretanto esses gêneros diferenciados são utilizados na escola em práticas com fins pedagógicos, que visam uma aprendizagem formal.

Enquanto que no cotidiano, na sociedade, lemos uma notícia que chamou nossa atenção quando passamos pela banca da praça diretamente do jornal, na escola, a notícia aparecerá fora de seu suporte natural e estará no livro didático, na apostila ou numa folha solta que o professor leva para a sala de aula. Além disso, essa notícia será lida a fim de que os estudantes analisem sua linguagem, sua estrutura, façam interpretação do conteúdo. Assim também ocorre com outros gêneros que adentram a escola vindos de esferas diferentes. O objetivo é didático, é avaliar, tirando, muitas vezes, o sentido social daquele texto.

Soares (2003, p. 106 e 107), ao abordar o letramento escolar, afirma que

na vida cotidiana, eventos e práticas de letramento surgem em circunstâncias da vida social ou profissional, respondem a necessidades ou interesses pessoais ou grupais, são vividos e interpretados de forma natural, até mesmo espontânea; na escola, eventos e práticas de letramento são planejados e instituídos, selecionados por critérios pedagógicos, com objetivos predeterminados, visando à aprendizagem e quase sempre conduzindo a atividades de avaliação.

Assim, o que acontece na escola é uma forma particular de letramento, são formas particulares de eventos e práticas de letramento, para atender suas situações, suas ações de ensinar, divergindo do que acontece nos ambientes não-escolares. Por outro lado, é interessante que consigamos trazer práticas de leitura e escrita para a escola que se aproximem das condições naturais, sociais de produção.

### 3 METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se por ser um estudo qualitativo com viés interpretativo uma vez que nosso objetivo é entender, por meio dos enunciados dos sujeitos, como eles desenvolvem os eventos de letramento em suas disciplinas. Na pesquisa qualitativa, “o objectivo dos investigadores qualitativos é o de melhor compreender o comportamento e experiência humanos. Tentam compreender o processo mediante o qual as pessoas constroem significados e descrever em que consistem estes mesmos significados.” (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 70).

Ainda, nossa pesquisa tem um cunho interpretativo e se aproxima também das ideias defendidas por Bakhtin de considerar o homem como um ser dialógico e que cria sentidos. Freitas (2002, p.24) expressa bem esse conceito ao escrever que

nas ciências humanas, seu objeto de estudo é o homem, “ser expressivo e falante”. Diante dele, o pesquisador não pode se limitar ao ato contemplativo, pois encontra-se perante um sujeito que tem voz, e não pode apenas contemplá-lo, mas tem de falar com ele, estabelecer um diálogo com ele. Inverte-se, desta maneira, toda a situação, que passa de uma *interação sujeito-objeto* para uma *relação entre sujeitos*. (FREITAS, 2002, p. 24)

Para tanto, a geração de dados para a pesquisa foi desenvolvida através de entrevistas, em novembro de 2013, com professores de diferentes disciplinas do ensino médio em uma escola de um município do médio vale do Itajaí – SC.

A escola se caracteriza por ser da rede privada de ensino e oferece somente o ensino médio no turno matutino. Possui duas primeiras séries, duas segundas séries e uma terceira série, no colégio, chamada de terceirão. À tarde, os estudantes têm aulas de assistência e educação física. A escola trabalha com apostilas, divididas em bimestres.

De um total de 28 professores, onze preenchiem os critérios delimitados: serem graduados na área que lecionam no colégio pesquisado e de trabalharem nesse mesmo colégio por, no mínimo, três anos. Desses onze, cinco professores aceitaram participar da pesquisa, conforme quadro abaixo.



**Quadro 1: Sujeitos da pesquisa**

<b>Professor/Pseudônimo</b>	<b>Idade</b>	<b>Disciplina</b>	<b>Formação</b>	<b>Tempo no magistério</b>	<b>Tempo no colégio</b>
Pedro Henrique	34	Matemática	Matemática	15 anos	8 anos
Ananogh	40	Geografia	Geografia	15 anos	7 anos
Jorge	50	Literatura	Letras/Francês	20 anos	8 anos
Flávio	34	História	História	15 anos	4 anos
Lavoisier	28	Química	Química	8 anos	3 anos

Fonte: Dados da pesquisa

As entrevistas realizadas com os sujeitos da pesquisa foram semiestruturadas e individuais, porque queríamos conduzir os professores a falarem sobre pontos específicos para atingir os objetivos da pesquisa e, ainda, sendo individual, que se sentissem à vontade para darem suas opiniões e também falassem o máximo possível sobre suas práticas e experiências de sala de aula.

#### 4 Os eventos de letramento nas práticas dos professores de ensino médio

Os Parâmetros Curriculares do Ensino Médio – PCNEM (2000) trazem orientações para que o trabalho com os estudantes nesse nível de formação seja voltado para a formação da cidadania e também para o mundo do trabalho. Para tanto, o ensino médio tem a tarefa de fazer um estudo mais contextualizado e destacar o sentido do conhecimento escolar, o raciocínio nas atividades escolares e a interdisciplinaridade. Como forma de se aproximar desses objetivos, os PCNEM organizaram as disciplinas por áreas do conhecimento e propuseram um trabalho voltado para a construção de competências entre as quais se destacam a leitura e a escrita, mas uma leitura e uma escrita voltadas para a criticidade, para o conhecimento de mundo. Em outras palavras, os PCNEM propõem o desenvolvimento do letramento.

As Orientações Curriculares do Ensino Médio – OCEM (2006) também vêm ao encontro dos PCNEM ao proporem um trabalho que propicie diferentes olhares para um mesmo objeto e que venha do conjunto das disciplinas, que desenvolva múltiplos letramentos. Uma das formas de realizar esse trabalho proposto nas Orientações Curriculares é através de práticas de leitura e escrita, mas não práticas restritas à

disciplina de Língua Portuguesa, e sim comuns a todas as disciplinas e que sejam um meio de possibilitar reflexão, tomada de consciência, criticidade, interação e desenvolvimento de diferentes habilidades para os alunos atuarem nas várias práticas de letramento da sociedade.

Dessa forma, é importante examinarmos de que forma os professores estão trabalhando com a leitura e a escrita no ensino médio a fim de, conforme sugerem os PCNEM, preparar cidadãos críticos e capazes de interagir na sociedade.

Então, tendo em mente que “a construção do saber escolar (“científico”), no nível da linguagem e do discurso, traduz-se sempre por eventos de letramento, quer textos escritos estejam presentes empiricamente ou não e quer a interação se dê oralmente ou por escrito” (ROJO, 2000, grifo do autor), analisamos os eventos de letramento desenvolvidos pelos docentes em suas disciplinas a fim de discutirmos como os alunos são envolvidos nas práticas de leitura e escrita.

#### 4.1 Os interlocutores escolares

A escola, hoje, é considerada, para a grande maioria das sociedades modernas, como a principal agência de letramento. (ROJO, 2000). Dentro dela, os principais atores ou os interlocutores responsáveis pela circulação do conhecimento são os professores e os alunos.

Observando os enunciados dos sujeitos pesquisados, levantamos a primeira categoria de análise que diz respeito aos participantes dos eventos de letramento. Os professores trouxeram, em suas falas, os interlocutores escolares:

*Ananogh – bom ãh:: normalmente é professor aluno... né? éh::... o ano passado eu consegui fazer uma troca com um colega aonde eu montava os textos e ele usava esses textos como base pra disciplina de redação no entanto isso não se perpetuou né a coisa não tomou a frente os horários não combinam sabe como é difícil a vida de professor um tanto corrido né?... e:: não envolveria mais ninguém mais professor aluno mesmo*

*Lavoisier - às vezes em terceiro eu não levo um aluno prum laboratório pra ele reconstruir o experimento porque não dá tempo... muitas vezes quando eu levo eu*

*levo o experimento e demonstro em sala de aula eu faço uma demonstração eles não fazem a prática num segundo ano eles conseguem realizar a prática porque eu tenho mais tempo de aula...*

Nas falas de ambos os sujeitos, é possível perceber que as práticas realizadas durante as aulas concentram-se no professor e no aluno. Lavoisier ainda comenta que, devido ao tempo de aula que tem disponível, adota posturas diferentes em relação às práticas que desenvolve. Num terceiro ano, ele mesmo é quem realiza os experimentos e os alunos ficam como espectadores, “eles não fazem a prática”. Cabe aos alunos um papel passivo nas práticas realizadas. Já num segundo ano, devido a mais tempo de aula, os alunos conseguem realizar as experiências e passam a ter um papel mais ativo.

Se pensarmos o histórico da escola (VARELA, 1992), a educação que nela acontece foi centrada, durante muito tempo, nas mãos do professor. Ele era o detentor do saber e único responsável por construir conhecimento. Com o passar do tempo, mudanças ocorreram na escola e em sala de aula. Não somente o professor é, agora, o responsável por trazer informações e por construir conhecimento, mas os alunos também podem colaborar nessa tarefa e ganham um papel ativo na aula. Assim, professores e alunos realizam trocas, interagem e aprendem um com o outro. Professor e alunos podem, juntos, construir as aulas a serem ministradas, pois “o professor visa a um objetivo didático, realizando ao mesmo tempo uma estratégia didática e sua verbalização, para isso se apoia nas intervenções dos alunos, em termos de conteúdos do saber e do dizer.” (MATENCIO, 2001, p.82). Dessa forma, é possível o professor fazer mudanças ou ajustes em seu planejamento de forma a deixá-lo mais significativo para seus alunos, com uma dimensão mais social.

Essa característica da interação entre professor e alunos em sala de aula pode ser vista na fala do professor Pedro Henrique:

*Pedro Henrique – geralmente isso acontece na própria aula então todos os alunos mesmo aqueles que não estão ali naquele momento focado naquele conceito naquela situação acabam sendo envolvidos de forma indireta pela pergunta de um colega*

Ao trabalhar uma situação de leitura em sala de aula que, em alguns momentos é trazida pela pergunta ou pela curiosidade de um estudante, o professor acaba mudando seu foco naquele momento para esclarecer a dúvida ou apresentar a situação trazida na aula. O questionamento não é ignorado pelo docente nem trabalhado isoladamente com o aluno que apresentou a dúvida ou a curiosidade, pelo contrário, o professor consegue reestruturar seu planejamento de modo a valorizar a necessidade do estudante e a interagir com toda a classe.

Matencio (2001, p. 91) nos diz que o professor possui três funções: “a de informador, a de animador e a de avaliador”. Ao demonstrar um experimento, ao trabalhar a dúvida de um aluno ou ao trabalhar seu conteúdo em sala de aula, o professor exerce a função de informador. Já, ao possibilitar que o aluno realize um experimento ou envolver todos os alunos para uma situação à parte levantada por um dos estudantes, o papel do professor passa a ser de animador, pois quer envolver seus estudantes, despertar neles a vontade de aprender e de buscar conhecimento. Ao final, quando o professor pedir um retorno dos conteúdos trabalhados, ele será o avaliador.

Mas, como dito anteriormente, não somente o professor tem papel ativo na escola, dentro da sala de aula. O aluno também tem papéis e funções importantes - “as intervenções dos alunos podem ser classificadas como visando informar ao professor o que sabem, dar continuidade à interação e manifestar-se quanto ao que é dito/estudado, o que ocorre por intermédio de suas perguntas e de suas respostas.” (MATENCIO, 2001, p. 91).

Nessa perspectiva, os alunos também são responsáveis por sua aprendizagem, mesmo que a interação ainda esteja organizada nas mãos do professor. É o que depreendemos com a fala do professor Jorge.

*Jorge - pegar uma imagem colocar uma imagem e a gente ah lê aquela imagem começar a compreender aquela imagem a gente começar a isolar elementos daquela imagem olha só ali tem tem é:: só um desenho beleza então só linguagem visual ah não tem um desenho e tem um balãozinho lá com algumas palavras linguagem visual e linguagem verbal são complementares né? são então eu não posso passar batido pela ideia da imagem né?*

O professor, em interação com seus alunos e, na função de informador e de animador, vai guiando-os durante a realização da sua prática de leitura da imagem a fim de que, por intermédio dessa interação, da participação e reflexão deles, sejam capazes de construir sentidos. E, através das respostas que o professor vai conseguindo de seus alunos, ele vai fazendo sua função de avaliador.

Temos, então, como interlocutores escolares, professores e alunos, mas tanto um como outro, interlocutores ativos que interagem no contexto de sala de aula para construírem, juntos, sentidos para suas aprendizagens.

#### 4.2 A sala como ambiente para eventos de letramento

Em suas falas, os sujeitos mencionam a sala de aula como o ambiente principal para os eventos de letramento. É nesse ambiente onde alunos e professores mais se concentram. A professora Ananogh sinaliza para essa situação:

*Ananogh – [as práticas] acontecem em sala que é onde a gente acaba ficando mais né? em sala de aula mesmo*

A sala de aula é o ambiente privilegiado da esfera escolar. Tudo gira em torno desse local e, mesmo a escola oferecendo ambientes diferenciados para aprendizagem como um laboratório, sala de informática, biblioteca, pátio, etc, é na sala onde professores e alunos vão passar seu maior tempo, onde as práticas, discussões, interações mais vão acontecer.

A esfera escola, como um espaço social, apresenta uma configuração própria e exige modos particulares de ser e de agir: o cotidiano escolar, a cultura escolar. Essa cultura escolar incorpora “as divisões em tempos, séries, bimestres, horário escolar, aulas específicas e ações” (BUNZEN, 2010, p.3), pelas quais se desenvolvem letramentos específicos, chamados de letramentos escolares. Devido a essas práticas escolares, essa esfera possui gêneros que lhe são peculiares, pois “a diversidade desses gêneros é determinada pelo fato de que eles são diferentes em função da situação, da posição

social e das relações pessoais de reciprocidade entre os participantes da comunicação” (BAKHTIN, 2003, p. 283). Um desses gêneros próprio da escola é a aula.

A aula, de acordo com Matencio (2001), é um evento com um objetivo didático em que ocorrem interações e alternância de papéis entre professor e alunos, apesar de o controle estar nas mãos do professor.

Tendo essa compreensão de aula, é possível utilizar a sala de aula, entendida como “um espaço de circulação e negociação de significações entre alunos em interlocução com seus professores, uma vez que o conhecimento escolar é nada mais do que uma construção coletiva” (BUNZEN, 2010, p. 5), de forma diferenciada, como destacado pelo professor Jorge,

*Jorge - nesses quarenta minutos de aula eu organizo por exemplo um círculo né? os alunos já ficam numa disposição diferenciada na sala de aula*

Nesse excerto, podemos perceber que, apesar de a sala de aula ser o ambiente privilegiado para os eventos de letramento, ela não precisa ser utilizada sempre da mesma forma, uma vez que tanto esse ambiente como o que acontece nele, a aula, são voltados para a interação. Utilizar uma “*disposição diferenciada na sala de aula*” nos leva a facilitar a promoção de diferentes vivências, de trocas, de interações para que o conhecimento seja realmente uma construção coletiva e não fique somente detido no professor.

#### 4.3 A síntese como artefato principal dos eventos de letramento

Para que os professores possam agir com seus estudantes a fim de fazê-los construir um conhecimento, vão lançar mão de instrumentos que os ajudarão nessa tarefa. Esses instrumentos são chamados de artefatos ou recursos e funcionam como mediadores da ação do professor. “São objetos, símbolos, imagens, discursos fabricados em atividades sociais.” (OLIVEIRA, 2008, p. 110). Trazidos para as aulas, dentro do contexto trabalhado, esses recursos ganham um novo sentido a fim de promover a aprendizagem.

*Flávio – eu inclusive oriento os alunos a::: a tu não perguntasse isso ainda eu não sei se tu vais perguntar mas a escrever também a escrever o que o que entendeu da aula*

*Ananogh – eu trago sínteses de um assunto e o aluno é obrigado a ler nesse sentido a gente faz uma leitura individual e uma coletiva depois nós trocamos uma ideia*

*trabalhos aonde o aluno escreve... então ou ele tem que fazer alguma síntese ou ele precisa discutir um tema (...) é uma forma de o aluno devolver um pouco na forma escrita o que a gente tenta passar pra ele*

Os professores utilizam diferentes recursos para promoverem suas práticas de leitura e escrita, entretanto, o que se destaca é a utilização da síntese. Esta aparece ora como recurso para prática da leitura e interpretação, ora como devolução do conhecimento.

Nas falas dos professores Flávio e Ananogh, é possível entender que a utilização da síntese serve como uma devolução do conhecimento, pois, ao escrever o que entendeu da aula ou fazer uma síntese para trabalho, o docente vai checar a compreensão do aluno sobre determinado assunto, se o estudante construiu o conhecimento julgado como necessário ou suficiente pelo professor sobre o assunto trabalhado, o estudante vai “devolver ... o que a gente tenta passar pra ele”. Já quando Ananogh diz “eu trago sínteses”, depreendemos que o uso desse artefato serve para a prática da leitura, já que o aluno é “obrigado a ler”, e como uma atividade de interpretação, pois depois de lido, a professora, ao “trocar uma ideia” com os alunos, verifica o que compreenderam sobre o texto lido.

Tomando novamente por base a esfera escolar, como já discutido, vemos que ela possui um modo particular de funcionamento e de organização, também de circulação de gêneros. Em cada esfera a linguagem é utilizada com uma particularidade, de um modo diferenciado. “Em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo”. (BAKHTIN, 2003, p. 266). Então, dependendo da esfera em que nos encontramos ou da qual participamos, haverá gêneros que circulam por lá que não necessariamente circularão em outras esferas. Assim, vemos que o gênero

síntese, que tem uma circulação grande dentro da esfera escolar, é ali empregado devido aos objetivos a serem alcançados: apresentar e/ou devolver conhecimento.

#### 4.4 A escrita e a leitura como atividades de preparação para a prova

Um quarto elemento presente nos eventos de letramento são as atividades, ou seja, as ações desempenhadas pelos participantes do evento de letramento (OLIVEIRA, 2008).

Entre as diferentes ações que os participantes realizam nas diferentes disciplinas do ensino médio, destacam-se aquelas que tratam a escrita e a leitura como uma forma de preparar o estudante para a realização de uma prova.

*Flávio – esse trabalho que eu já te falei que às vezes a gente faz de de produzir um texto geralmente é um pouco antes da prova porque eu sei que ele vai escrever e vai pra alguns talvez não sirva mas pra muitos serve como forma de de de fixar o conteúdo*

Em sua fala, o professor Flávio destaca que a produção escrita, realizada “um pouco antes da prova”, serve para “fixar o conteúdo” a fim de que o aluno esteja preparado para realizar uma boa prova, que ele não se esqueça do conteúdo quando a prova chegar.

Ananogh também sinaliza para o uso da leitura e da escrita como uma preparação para a prova quando diz:

*Ananogh - eu trago sínteses de um assunto e o aluno é obrigado a ler nesse sentido a gente faz uma leitura individual e uma coletiva depois nós trocamos uma ideia e essa ideia depois de construída a gente cobra então nas avaliações*

Por meio de sua fala, podemos inferir que, as leituras realizadas, além de gerar uma discussão e uma troca de ideias, têm como objetivo principal fornecer conteúdo para que os alunos possam ser avaliados em uma prova.

Mesmo o professor Lavoisier, ao trabalhar relatórios de experimentos com seus alunos para facilitar o entendimento dos conceitos abstratos da disciplina de química, os



faz com o objetivo maior de que eles possam estar preparados para responder às questões da prova sobre o assunto estudado.

*Lavoisier – fiz agora a construção de uma pira com os alunos se eles não souberem interpretar não não não souberem ler quem é o cátodo que é o ânodo coloque dois gramas de tal sal em tal lugar... não vão conseguir desenvolver o experimento... de tabela eles acabam tendo que interpretar... o que às vezes eu acho que causa muita confusão em alguns alunos em questões de prova... talvez eles não saibam interpretar*

As situações apresentadas nos levam para a perspectiva dos letramentos escolares que, conforme Soares (2003), buscam uma avaliação das habilidades cognitivas do estudante relativas a determinado assunto, sua finalidade principal é avaliar. “De certa forma, a escola *autonomiza* as atividades de leitura e de escrita em relação a suas circunstâncias e usos sociais, criando seus próprios e peculiares eventos e suas próprias e peculiares práticas de letramento.” (SOARES, 2003). Assim, a leitura e a escrita, na escola, acabam se distanciando das práticas do cotidiano e adquirem características específicas que levam à aprendizagem, à construção do conhecimento.

Nas atividades desenvolvidas pelos professores pesquisados, vemos a preocupação com a aprendizagem, pois, muito mais do que olhar para o que seus estudantes podem fazer com a escrita, eles olham para o que eles sabem sobre ela, ou seja, se eles conseguem escrever de forma correta e compreensível para devolver o conhecimento para o professor.

Escolarização e letramento não estão desconectados, fato que Soares (2003) nos aponta, uma vez que é na e pela escola que temos acesso aos principais meios de leitura e escrita e também é a escola que vai nos introduzindo no mundo letrado. Entretanto, a escola não pode se basear somente na produção de textos com fins pedagógicos, pois assim trabalhará somente a escolarização.

## 5 Algumas considerações

Neste artigo nos propomos a discutir os eventos de letramento que ocorrem nas aulas de diferentes professores de ensino médio, analisando seus elementos: participantes, ambientes, artefatos e atividades. Com a contribuição dos estudos do letramento, que voltam seu olhar para o uso social da leitura e escrita, a escola é desafiada a trabalhar nessa perspectiva a fim de dar mais sentido para suas práticas, aproximando o cotidiano de seus estudantes o máximo possível da vida social fora da escola. Portanto vemos a importância de se trabalhar os letramentos na escola e, em especial no ensino médio, ciclo final da educação básica e período em que se requer uma apropriação maior de letramento para que os estudantes sejam capazes de exercer suas atividades na sociedade em que vivem e no mundo do trabalho no qual estarão inseridos.

Apesar de a escola ser um espaço particular, com suas exigências e seus modos de funcionamento, principalmente voltados para a aprendizagem e para a avaliação dos conhecimentos, é importante, também, que ela se preocupe com os conhecimentos, os saberes que os estudantes devem ter ao sair da escola para conseguirem se inserir na sociedade em que vivem. Desse modo, olhar para as práticas de sala de aula e para o modo como os professores de ensino médio desenvolvem os eventos de letramento em suas disciplinas nos permite compreender como eles entendem o processo ensino-aprendizagem e refletir sobre o que é possível fazer para que esses alunos sejam realmente letrados e bem sucedidos nas práticas sociais.

Através dos dizeres dos sujeitos, gerados por meio de entrevistas, foi possível perceber a existência de diferentes eventos de letramento nas aulas do ensino médio, o que evidencia uma postura positiva dos professores em relação a desenvolver uma relação do estudante com a leitura e a escrita, mesmo que esses eventos estejam mais propensos à escolarização do que propriamente ao letramento, como o que acontece quando os sujeitos trabalham mais na perspectiva de uma produção voltada para a prova ou mais no consumo de linguagem do que para a sua produção.

Por fim, destacamos que, quanto mais os professores lidarem com diferentes formas de uso da leitura e da escrita para construção de sentido e, quanto mais souberem como seus alunos utilizam o texto escrito para aprenderem e se inserirem no mundo,

mais significativos e próximos da realidade dos estudantes os eventos de letramento estarão e, conseqüentemente, práticas expressivas de letramento ocorrerão no ensino médio.

## Referências

AMARAL, E. T. do. *O professor de ensino médio e o seu olhar sobre a leitura e a escrita em sua disciplina*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba: SP, 2010.

BAKHTIN, M. Gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 261-306.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio**. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília: DF, 2000. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14\\_24.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf)>. Acesso em: 01/02/2014.

\_\_\_\_\_. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**. Brasília: DF, 2006. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book\\_volume\\_01\\_internet.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf)>. Acesso em: 15/01/2014.

BUNZEN, C. Os significados do letramento escolar como uma prática sociocultural. In: VÓVIO, C.; SITO, I; GRANDE, P. (orgs) **Letramentos**: rupturas, deslocamentos e repercussões de pesquisas em linguística aplicada. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

COELHO, S. B. *Análise de práticas de leitura e escrita de alunos do 3º ano do ensino médio de escola pública*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: CE, 2009.

FREITAS, M. T. de A. A Abordagem Sócio-Histórica como Orientadora da Pesquisa Qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, p. 21-39, julho 2002.

KLEIMAN, A. B. Trajetórias de acesso ao mundo da escrita: relevância das práticas não escolares para o letramento escolar. **Perspectiva**, v.28, n.2, p.375 – 400, 2010.

MATENCIO, M. L. M.. **Estudo da língua falada e aula de língua materna:** uma abordagem processual da interação professor/aluno. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

OLIVEIRA, M. do S.. Projetos: uma prática de letramentos no cotidiano da professor de língua materna. In: OLIVEIRA, Maria do Socorro; KLEIMAN, Angela B. (orgs.). **Letramentos Múltiplos:** agentes, práticas, representações. Natal, RN: EDUFRN, 2008.

ROJO, R. H. R. Linguagem – As práticas discursivas como *locus* de investigação. In: **III Conferência de Pesquisa Sócio-Cultural.** Campinas, SP, julho de 2000.

STREET, B. Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento. **Teleconferência Unesco Brasil sobre Letramento e Diversidade,** out. 2003a.

SOARES, M. B. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, V.M. **Letramento no Brasil.** São Paulo: Global, 2003, p. 89-114.

VARELA, J. **A maquinaria escolar:** teoria e educação. São Paulo, 1992.